

QUANDO A HISTÓRIA TAMBÉM É MINHA: ANCESTRALIDADE, ESCRAVIDÃO E ESCUTA EM SALA DE AULA

Juliana Mendes Alves¹

¹ Mestranda pelo Programa de Pós – Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH/UERJ), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Pós-graduanda em Ensino De Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (EEHCAAB/IFRJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, julianamendesm1996@gmail.com.

Introdução

Inserido no contexto educacional do município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, o presente trabalho expõe as experiências ocorridas em uma sala de aula, na turma de 7º ano do Ensino Fundamental, no segundo semestre do ano letivo de 2025, em uma escola cristã evangélica, situada próxima a uma das entradas do Complexo do Salgueiro. A aula teve como tema “A escravidão no Brasil” e foi ministrada pela autora deste resumo, que na época já cursava uma Pós-graduação em Ensino de História Africana e Afrobrasileira, no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ-SG), e se debruçava sobre a história de vida de sua antepassada, de nome Francisca, escravizada na região do Fonseca, em Niterói, Rio de Janeiro, e foi líder de um movimento de “curandeiros” da região, perseguidos pelas autoridades locais. Esta mulher foi apagada da História oficial e sua memória só pode ser recuperada através do relato oral e de algumas fontes ligadas ao seu “marido”. Por se tratar de um relato, a autora opta pela apresentação do texto em primeira pessoa. Para desenvolver os estudos sobre corpos negros escravizados, utilizei a obra “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon (2020). Já para a ênfase na história de Francisca, utilizei a obra de Angela Davis (2016) intitulada “Mulheres, raça e classe”. Para apresentação da narrativa, baseei-me na obra literária “Água de Barrela” da autora Eliane Alves Cruz (2018), que narra a trajetória de vida de seus antepassados através da recuperação do relato oral.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como, de forma didática, a aproximação do objeto historiográfico, neste caso, o contexto da escravidão, quando é aproximado do sujeito que o estuda, neste caso representado pelos alunos, pode tornar o ensino de História mais “palatável”, ao ponto de trazer resultados positivos e muitas vezes, inesperados.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, tendo como procedimento metodológico o relato de experiência. Os dados foram produzidos a partir da observação da prática pedagógica e registrados por meio de diário de estudos. A análise foi realizada de forma reflexiva, à luz de autores como Paulo Freire, que compreendem a experiência como elemento central na produção do conhecimento.

Dados os conteúdos básicos da BNCC em sala de aula, optei por aproximar o tema da vivência dos alunos, utilizando o conceito de práxis freiriana. Apesar de serem estudantes de uma escola particular de bairro, a grande maioria desses adolescentes é moradora das regiões de risco do município, retratadas diariamente por confrontos da polícia com o C.V. (Comando Vermelho), facção criminosa que atua na área, o que indica uma proximidade muito maior desse grupo com pessoas em situação de escravização do que necessariamente com membros da aristocracia brasileira. A ideia aqui foi levar os alunos a refletir sobre sua vivência, analisar e problematizar.

Segundo Paulo Freire (1996), a experiência precisa ser submetida à reflexão crítica, constituindo-se como elemento chave na produção do conhecimento. Com base neste pensamento, a práxis, aqui entendida como a articulação entre ação e reflexão, permite que práticas pedagógicas sejam analisadas e ressignificadas, transformando vivências em saberes.

Vale também ressaltar que uma parcela significativa destes alunos está inserida no contexto religioso cristão. Em uma amostra de 20 alunos matriculados, 12 se autodeclaravam cristãos evangélicos, 5 eram católicos e 3 relatavam não possuir religião, apesar de “acreditarem em Jesus”. Nenhum dos alunos informou participar de religiões de matrizes africanas.

A aula em questão foi iniciada com a música “Canto das três raças” da cantora Clara Nunes, com seu enredo sobre a vivência de escravizados negros e indígenas no Brasil, utilizada como recurso pedagógico e posteriormente analisada em grupo dentro da sala. Em seguida, inseri o tema, a fim de que os alunos pudessem entender o que foi a escravidão transatlântica, identificar as formas de resistência das populações negras que chegaram e refletir sobre como esses processos impactaram e ainda impactam a sociedade brasileira até os dias de hoje, incluindo a realidade vivenciada todos os dias por eles. Levei-os a criticar discursos como o meritocrático e a querer entender melhor sobre como as suas famílias são afetadas diariamente pelo racismo e sistemas de exclusão. Vale ressaltar que esta turma em questão, possuía alunos com fenótipos diversificados, mas que traziam traços indígenas, africanos e europeus marcantes.

Ao contar a história da minha antepassada, já citada na introdução deste resumo, percebi um efeito de retorno destes alunos, ainda que muito sutil, a princípio. Alguns relataram saber de indígenas em suas árvores genealógicas, outros diziam que suas famílias eram exclusivamente

compostas por brancos ou negros, mas sempre em um contexto religioso extremamente cristão, ao contrário do relato exposto por mim em sala, que falava sobre uma antepassada negra, escravizada e praticante explícita de feitiçaria. A surpresa veio na aula seguinte. Os alunos, em sua maioria, levaram o que foi passado em sala para suas casas, em um movimento completamente não programado. Não foi a busca por pontos ou aprovações que os levaram a isso. Começaram a questionar os pais e avós sobre o passado de suas próprias famílias, suas histórias e origens e sobre como aquilo afetava quem eles eram, por que eles moravam naquela região, quais vitórias e derrotas aconteceram com suas bisavós e demais gerações anteriores?

Resultados e Discussões

A aula seguinte, que deveria contemplar a correção de exercícios e retirada de dúvidas foi tomada pela contação de histórias. Os relatos foram diversos. Alunos considerados brancos e evangélicos descobriram antepassados negros, praticantes de religiões de matriz africana, sendo a bisavó de um aluno uma mãe de santo conhecida na região. Muitos retrataram que a conversão ao evangelho em suas famílias teria sido um movimento extremamente recente, diferente do que eles imaginavam. Uma aluna em específico, considerada branca, mas com alguns fenótipos indígenas, retratou que alguns de seus antepassados eram “índios”. Durante o relato, ela disse que a sua bisavó foi “pega no laço”, mas que nem ela e nem a sua mãe sabiam direito o que isso significava, o que levou a um processo de explicação sobre diversas expressões que são utilizadas para retratar um contexto racista e escravocrata da nossa sociedade, a exemplo do citado pela aluna, que significa que esta mulher foi enlaçada, tal como acontece com animais e em seguida passou por relações forçadas, escravização e outros processos de desumanização. Outro exemplo foi a expressão “feito nas coxas”, que é utilizada para se referir a algo mal feito e foi associada às telhas feitas nas coxas de pessoas escravizadas, sendo, portanto, uma expressão racista.

Outro caso específico foi a de uma aluna que, apesar dos cabelos lisos e pele extremamente clara, contou que tinha um antepassado negro e ex-escravizado, o que surpreendeu a toda turma, que esperava uma não miscigenação vinda da menina que apresentava traços mais europeizados. Iniciou-se um debate em sala, organizado de forma orgânica pelos alunos, sobre o fato de que a presença ou a ausência de determinadas características físicas, não excluiria a existência da mistura de raças.

A aula mudou todo o rumo do planejamento pedagógico da turma. Separei em capítulos a leitura do livro *Água de Barrela* (2018), da autora Eliane Alves Cruz e pedi para que os alunos associassem o livro ao que fora apresentado em sala, o que corroborou ainda mais para as narrativas sobre seus antepassados e o conhecimento sobre si, visto que é este o caminho que a autora do livro faz ao escrevê-lo, se utilizando o relato oral e da memória para descrever a história de seus antepassados.

Ao final da aula, consegui demonstrar aos alunos como a história contada em sala não falava sobre pessoas distantes, inacessíveis no espaço-tempo. Eu estava falando da história deles, do sangue que corria em suas veias, da vida que foi imposta a todas as suas famílias e como isso afetava diretamente a vivência de cada um deles. Aquelas pessoas não eram ali retratadas pelos preconceitos, pelo racismo ou pela animalização, comum à sociedade estruturalmente racista na qual estamos inseridos. Naquele contexto, a mulher negra, chegada a mandingas, que acreditava nos orixás, não era a subversiva, como muitos enxergam até hoje. No contexto daquela sala de aula, esta senhora era a memória contada sobre a tataravó do Gabriel. Estávamos falando de laços de sangue, de espiritualidade e acima de tudo, de ancestralidade.

A aula foi encerrada, mas a aprendizagem dela permanece até hoje. Estes mesmos alunos estudam hoje, no 8º ano do ensino fundamental tópicos sobre resistência negra e cultura afro-brasileira, com um olhar completamente diferente daquele formado pela mídia e pelo senso comum, que colocam a África como local de fome e atraso. O continente hoje é sinônimo de riqueza e luta para esta turminha.

Conclusões

A pesquisa nos permite analisar a aplicação da práxis em sala de aula, com ênfase no estudo de história afrodiaspórica e como essa imersão e proximidade do aluno com o conteúdo estudado pode transformar a compreensão do indivíduo sobre si mesmo e sobre a realidade que o cerca, transformando uma simples aula de História, em uma nova visão de mundo, o que contribui profundamente para o ensino da História da África, auxiliando em uma melhor aplicação da Lei nº 10.639/2003, que torna este estudo obrigatório em todo o território nacional. A África, aqui, não é mais passível de ser obra do Diabo ou interpretada de maneira preconceituosa. Ela passa a ser lar de seus antepassados, laço sanguíneo e, portanto, parte da história de todo o povo brasileiro. África passa a ser, de modo incontestável para esses adolescentes, parte de sua ancestralidade.

Palavras-chave: Práxis; experiência docente; memória; identidade negra.



Referências bibliográficas

CRUZ, Eliane Alves. **Água de barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento; colaboração: Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

